



Entre história e ficção, os bons ventos da memória: reflexões sobre a obra de Antero Pereira Filho

*Between history and fiction, the good winds of memory:
Reflections on the work of Antero Pereira Filho*

*Entre historia y ficción, los buenos vientos de la memoria:
Reflexiones sobre la obra de Antero Pereira Filho*

Rafael Guimarães Tavares da Silva*

Resumo

A literatura produzida no Aracati (CE) se caracteriza por suas fortes tendências memorialísticas. No âmbito desse cenário literário, a obra publicada por Antero Pereira Filho ganha destaque pelo cuidado com que recorre às fontes históricas para produzir uma reflexão contundente acerca da realidade regional. Seus trabalhos incluem contribuições de ordem historiográfica, como *Ponte Presidente Juscelino Kubitschek* (2009), *A maçonaria em Aracati* (2010) e *Aracati era assim* (2024, organizador), mas notabilizam-se por duas obras propriamente literárias, *Assim me contaram* (primeira edição de 1996; segunda edição de 2015) e *Histórias de assombração do Aracati* (primeira edição de 2006; segunda edição de 2016). A presente análise avança em bases sociológicas para explorar aspectos centrais da obra desse autor, destacando a coerência e a complexidade de sua visão sobre a realidade aracatiense, transitando entre história, memória e ficção.

Palavras-chave: Antero Pereira Filho; Aracati; literatura regional; literatura cearense.

Abstract

The literature produced in Aracati (CE) is characterized by its strong memorialistic tendencies. Within this literary scene, the work published by Antero Pereira Filho stands out for the care with which he dives into historical sources to produce a compelling reflection on his regional reality. His works include contributions of a historiographical nature, such as *Ponte Presidente Juscelino Kubitschek* [*President Juscelino Kubitschek's Bridge*] (2009), *A Maçonaria em Aracati* [*Freemasonry in Aracati*] (2010) and *Aracati era assim* [*Aracati was like this*] (2024, org.), but he is notable for his two literary works, *Assim me contaram* [*Thus they told me*] (1st ed., 1996; 2nd ed., 2015) and *Histórias de assombração do Aracati* [*Haunting stories of Aracati*] (1st ed., 2006; 2nd ed., 2016). This analysis advances on sociological bases to explore central aspects of this author's work, highlighting the coherence and complexity of his vision of the reality of Aracati, moving between history, memory, and fiction.

Keywords: Antero Pereira Filho; Aracati; regional literature; literature from Ceará.

Resumen

La literatura producida en Aracati (CE) se caracteriza por sus fuertes tendencias memorialísticas. Dentro de este panorama literario, la obra publicada por Antero Pereira Filho se destaca por el cuidado con el que recurre a fuentes históricas para producir una contundente reflexión sobre su realidad regional. Sus obras incluyen contribuciones de carácter historiográfico, como *Ponte Presidente Juscelino Kubitschek* [*El puente Presidente Juscelino Kubitschek*] (2009), *A Maçonaria em Aracati* [*La masonería en Aracati*] (2010) y *Aracati era assim* [*Aracati era así*] (2024, org.), pero es notable por sus dos producciones literarias, *Assim me contaram* [*Así me dijeron*] (1. ed., 1996; 2. ed., 2015) y *Histórias de assombração do Aracati* [*Historias inquietantes de Aracati*] (1. ed., 2006; 2. ed., 2016). Este análisis avanza sobre bases sociológicas para explorar aspectos centrales de la obra de este autor, destacando la coherencia y complejidad de su visión sobre la realidad de Aracati, transitando entre los campos de la historia, la memoria y la ficción.

Palabras clave: Antero Pereira Filho; Aracati; literatura regional; literatura de Ceará.

*Universidade Estadual do Ceará (UECE), Aracati (CE), Brasil. E-mail: rafae.silva@uece.br



INTRODUÇÃO

O aspecto preponderante da obra de Antero Pereira Filho, escritor cearense que tem se tornado conhecido por uma série de publicações literárias e historiográficas de viés regional, é o memorialístico. Essa característica chama a atenção mesmo no âmbito das produções literárias de uma cidade tão devotada ao cultivo da memória quanto é Aracati. Apesar de ser um município relativamente pequeno, localizado no litoral leste do estado do Ceará, ele é dotado de um passado longo e carregado que remonta ao período colonial. Em meio a títulos como *Retalhos da história*, de Leônidas Cavalcante Fernandes (2009), *Registro das histórias de um agricultor: memórias*, de Luís de Sena Filho (2014), e *Memórias do vento: histórias que vi, vivi e ouvi*, de Socorro Matos (2018), não é de se espantar que o veio memorialístico seja constantemente explorado por quem queira se inserir de modo significativo no horizonte literário da cidade. Ainda assim, as estratégias composicionais de Pereira Filho são dignas de nota pela consistência com que entremeia história e ficção no trabalho de rememoração que leva a cabo ao longo de toda a sua obra. O presente artigo pretende oferecer uma revisão crítica das publicações desse autor, analisando-as com base nessa premissa fundamental¹.

Antes de entrarmos nas obras específicas de Pereira Filho, cumpre delinear um breve panorama histórico-geográfico para situar o(a) leitor(a). Localizado às margens do Jaguaribe, rio importante para a colonização de toda a região sertaneja adjacente, o Aracati tem um povoamento cujas origens se perdem nas areias do tempo. Segundo a monografia de Abelardo Costa Lima (1941), *Terra aracatiense*, essa criação espontânea de um povoado na região se deu entre 1623 e 1654, com a seguinte especificação:

Devido aos constantes vai-vens da corrente colonizadora, ao fluxo e refluxo dessa maré humana, que ora subia, rio acima, com os pernambucanos, paraibanos e riograndenses chegados pelo litoral, ora descia com os “baianos, vindos em procura do El-Dourado” e de terras para a criação, surgiu o povoado de “São José do Porto dos Barcos do Jaguaribe”, a três léguas aproximadamente do mar, e que muitos anos mais tarde seria chamado cidade de Nossa Senhora do Aracati (Costa Lima, 1941, p. 59)

Segundo o mesmo autor, esse povoado foi elevado a vila em 1747, tendo precisado aguardar quase um século para receber o título de cidade: “A vila de Santa Cruz do Aracati do Porto dos Barcos do Jaguaribe foi elevada à cidade pela lei provincial n. 244, de 25 de Outubro de 1842” (Costa Lima, 1941, p. 70). Apesar das controvérsias etimológicas em torno do nome *Aracati* (Costa Lima, 1941, p. 91-4), há consenso entre estudiosos de que a palavra consiste num topônimo originariamente indígena, preservado pelo uso dos habitantes locais.

Ainda hoje no nheengatu, língua falada pelos indígenas do Amazonas, Aracati significa “bons ares, bons ventos”. Analisando a palavra, segundo o que nos ensina Adauto Fernandes, em sua *Gramática Tupi*, a significação de Aracati é “bom tempo” de “ara”, tempo, e “cati” (“catu”), bom. Assim se expressa José de Alencar, em seu livro *Iracema*: “Aracati – Bons Ares”. Era assim, diz ele, que os selvagens do sertão chamavam ao vento do norte que soprava regularmente das 7 às 8 horas da noite e se derramava pelo interior da província refrescando-a da calmaria abrasadora do estio. Daí veio chamar-se Aracati ao lugar donde vinha a monção (Costa Lima, 1941, p. 94).

Como se vê pelos trechos citados, a própria monografia de Abelardo Costa Lima (1941) se insere na tradição de esforço em prol da memória aracatiense, numa chave erudita que vem atestada pelas várias referências a estudos científicos da época. Na produção literária mais recente do Aracati,



esse esforço emerge frequentemente calcado na subjetividade de memórias afetivas, ainda que o zelo com a realidade histórica factual, fundamentada numa consulta zelosa aos documentos, jamais esmoreça².

Exemplar dessa valorização de uma memória afetiva, sempre respaldada por uma frequência assídua e responsável da documentação histórica, é a obra já publicada por Antero Pereira Filho. Até o presente momento, essa obra compreende os seguintes livros: *Assim me contaram* (primeira edição de 1996; segunda edição de 2015); *Histórias de assombração do Aracati* (primeira edição de 2006; segunda edição de 2016); *Ponte Presidente Juscelino Kubitschek* (2009); *A maçonaria em Aracati* (2010); e *Aracati era assim* (2024, organizador)³. Existe ainda a previsão da publicação futura de dois títulos inéditos: *Fatos e acontecimentos marcantes da história do Aracati* e *Notícias do povo aracatiense*. Ou seja, excluindo-se o material inédito, há duas monografias de tema historiográfico, uma dedicada à construção da Ponte Presidente Juscelino Kubitschek, com destaque para seu papel no desenvolvimento econômico da região, enquanto a outra aborda a presença polêmica da maçonaria na cidade durante a primeira metade do século XX. Há uma antologia de relatos históricos, selecionados com o objetivo de delinear um panorama em diferentes perspectivas sobre as transformações sofridas por Aracati entre 1787 (ano do primeiro relato) e 1964 (ano do último relato). Por fim, há dois livros em que preponderam as tendências memorialísticas propriamente ditas: o primeiro deles, dedicado à casuística regional, *Assim me contaram*, no qual ficam registradas historietas que demonstram a presença de espírito dos aracatienses nas mais diversas situações (domésticas e familiares, mas também públicas, incluindo em contexto político); o segundo, dedicado ao registro de narrativas tradicionais de terror da região, *Histórias de assombração do Aracati*.

Seja numa chave cômica, seja numa chave séria, Antero Pereira Filho dá vazão aos ventos da memória em escritos que transitam muito bem entre história e ficção, oferecendo uma visão pessoal sobre o passado, o presente e o futuro do Aracati. Em uma interpretação de base literária sociológica, vamos explorar alguns aspectos dessa visão nas próximas seções do presente artigo.

ENTRE MEMÓRIA COLETIVA E FILOSOFIA DA HISTÓRIA

Uma característica da produção intelectual do autor aracatiense é o cuidado com as fontes históricas que lastreiam e preservam a memória coletiva. Exemplar disso é sua obra mais recentemente publicada, *Aracati era assim* (2024), na qual apresenta e ordena cronologicamente mais de 30 trechos de relatos escritos ao longo do tempo sobre a cidade e seus entornos. Essa coletânea é fruto de décadas de leitura e pesquisa de documentos históricos, abarcando diversos tipos de publicações (de livros a periódicos), em geral pouco acessíveis, numa clara demonstração da constância com que tem se dedicado à tarefa da memória.

Nas palavras do autor:

Ao longo do tempo fui garimpando e recolhendo essas preciosidades. Algumas bastante conhecidas do público, outras nem tanto; porém não menos importantes, pois descrevem nossa cidade pelo olhar crítico de alguns e nostálgico de outros. Olhar daqueles que, em dado momento, estiveram na cidade de Aracati e deixaram suas impressões em documentos escritos que revelam a múltipla face da histórica Terra dos Bons Ventos (Pereira Filho, 2024, p. 3)⁴.

O *modus operandi* desse autor fundamenta-se no cuidado de pesquisa e preservação das fontes históricas que lastreiam a memória coletiva, recorrendo a essa base documental como pedra de toque para toda a sua obra. É isso que confere unidade ao *corpus* de sua autoria, independentemente do caráter ficcional que possa eventualmente emergir em alguns textos, como, por exemplo, nas narrativas integrantes das *Histórias de assombração do Aracati*. Essa preocupação com o documento histórico aparece amiúde reconhecida por sua fortuna crítica, mas o que cumpre ter em vista é o enquadramento subjetivo dado ao material assim recolhido e organizado.



Pereira Filho possui um entendimento complexo da história socioeconômica e política da região. Seu posicionamento é avesso a adesões simplistas a uma visão exclusivamente pessimista ou otimista no que diz respeito aos efeitos do tempo sobre sua cidade natal, demonstrando uma consciência aguda daquilo que Adorno e Horkheimer (1985) chamaram de “dialética do esclarecimento” (*Dialektik der Aufklärung*)⁵. Embora reconheça o potencial que a posição estratégica da região lhe garantiu desde sua fundação, no período colonial, até meados do século XIX, ele não deixa de se mostrar extremamente crítico das desigualdades socioeconômicas que seus momentos de esplendor ensejaram e reforçaram. Da mesma forma, ainda que caracterize certas transformações sociais provocadas pela introdução de valores e costumes como uma decadência (em termos da preservação de aspectos tradicionais da comunidade), ele constata inúmeros avanços na qualidade de vida garantidos pela chegada de conhecimentos e tecnologias.

Em nossa leitura de suas obras, damos exemplos específicos de como essa “filosofia da história” acaba por atuar como uma bússola composicional de valor indispensável para o autor. Contudo, em termos mais amplos, é possível sintetizar a compreensão que Pereira Filho tem das diferentes fases da história socioeconômica e política da região por meio das palavras com que um de seus colaboradores mais assíduos, Marciano Ponciano, apresenta o livro *Aracati era assim*:

Organizada pelo escritor Antero Pereira Filho, esta obra reúne textos que retratam a cidade de Aracati em diferentes épocas e perspectivas. São relatos de viajantes, biógrafos, botânicos, poetas, deputados e outros autores que testemunharam ou registraram a história e a cultura dessa cidade cearense.

Os textos abrangem um período de quase dois séculos, de 1787 a 1964, e revelam as transformações econômicas, sociais e ambientais que Aracati sofreu ao longo do tempo. O livro evidencia as circunstâncias que fizeram de Aracati um importante entreposto comercial que exportava as riquezas do sertão e importava artigos de além-mar, e como essa pujança econômica influenciou o desenvolvimento da cidade em vários aspectos.

A obra também explora as causas e as consequências do declínio econômico de Aracati, a partir de análises variadas que consideram fatores políticos, ambientais e históricos (Ponciano, 2024, p. 7-8).

A ênfase dada por essa interpretação — interessada em pensar o arranjo que Pereira Filho decide dar à sua coletânea de testemunhos históricos — recai sobre a complexidade com que esses relatos analisam a realidade aracatiense tanto em seus momentos de pujança (no período colonial) quanto nos de declínio (posteriormente). A própria periodização assim proposta diz muito sobre como o autor enxerga a história de sua cidade. Ao mesmo tempo, parece-nos possível defender que uma visão igualmente complexa é responsável por plasmar as diferentes narrativas com que o memorialista decide registrar os efeitos da passagem do tempo sobre Aracati.

A HISTÓRIA CONTADA POR MEIO DO RISO

A obra *Assim me contaram* reúne mais de uma centena de narrativas curtas, em geral humorísticas, que aparecem registradas pelas palavras de um narrador em primeira pessoa (nem sempre explícito, mas sempre pressuposto), que é possível identificar com o próprio autor da obra (Antero Pereira Filho), ainda que a autoridade em que repousam várias dessas narrativas seja a tradição oral, como o título faz questão de anunciar desde o início. Trata-se, portanto, da obra memorialística de um autor que deseja registrar as histórias ouvidas (mas muitas delas também testemunhadas) ao longo de sua vida. Apesar do aspecto subjetivo com que essas escutas e vivências do passado são registradas no processo de escrita, subjaz também aí uma preocupação historiográfica, como traço distintivo da obra de quem tem prazer em zelar por uma verdade histórica e documentalmente atestada.



Na linha do que escreve o poeta Dideus Sales (2015), responsável pelo prefácio da obra em questão:

Esta coletânea de contos pitorescos, garimpados pelo perspicaz historiador Antero Pereira, evidencia a argúcia e a presença de espírito dos aracatienses em diversas situações. Mesmo sem tal pretensão, a obra em foco vem a desmistificar a atribuição do conjunto de ditos, expressões vivas da nossa gente, a “Seu Lunga”. Digo isto com propriedade porque toda cidade tem o Seu Lunga próprio. Vários flagrantes de respostas criativas geradas da verve fecunda dos comerciantes crateuenses Antonio Ricardo, Zé Novinho e Raimundo Fernandes, meus conterrâneos, hoje deslizam de boca em boca pelo Brasil afora, enriquecendo o manancial da manifestação de pensamento creditada ao folclórico cariense Seu Lunga.

O registro desses episódios legítimos da terra dos bons ventos que o guardião da memória do Aracati, Antero Pereira, está consolidando, dificulta que eles sejam disseminados e atribuídos a figuras alheias à realidade da concepção, como vem acontecendo em outros lugares. (Sales, 2015, p. 10)

Em outras palavras, *Assim me contaram* registra por escrito um vasto anedotário popular e oral, com narrativas que remontam à primeira metade do século XX e avançam até o início do XXI, convertendo-se em importante documento histórico para quem queira pesquisar a história social, política e econômica do Aracati das últimas décadas. Para além dessa função documental, no entanto, a obra tem outros méritos: organizada segundo o princípio da visão histórica de Pereira Filho (tal como esboçado), essa coletânea posiciona-se de forma crítica e complexa ante os atritos que Aracati viveu entre os princípios da tradição e da inovação, ou seja, entre tendências de preservação do passado e forças modernizadoras. Ademais, esses conflitos temporais são encaminhados aqui sempre por meio do riso. Alguns exemplos podem ilustrar o caráter altamente sugestivo e multifacetado desse conjunto, mas antes gostaríamos de propor algumas considerações gerais sobre o que pode haver de profundamente sério em obras cômicas, por meio de seu recurso ao riso para se posicionar de forma crítica a certos valores e práticas sociais.

Na linha do que já defendemos em outros trabalhos sobre diferentes obras representativas dessa tradição, todo riso é compartilhado comunitariamente, sendo por isso uma importante ferramenta para a expressão e defesa de valores e práticas da comunidade. Especialmente instigantes para refletir sobre isso são as propostas do filósofo Henri Bergson no ensaio intitulado *O riso* (publicado originalmente em 1899). Ainda que assuma uma dicção científica aparentemente avessa à espontaneidade do riso, essa investigação filosófica destaca com razão a dimensão social de toda comédia. O que gostaríamos de recuperar da argumentação de Bergson (1938) para nossa análise é o seguinte:

O riso deve ser [...] uma espécie de *gesto social*. Pelo temor que inspira, ele reprime as excêntridades, mantém constantemente alerta e em contato recíproco certas atividades de ordem acessória que correriam o risco de se isolar e adormecer, flexibiliza, enfim, tudo o que pode permanecer de rigidez mecânica na superfície do corpo social. O riso não advém, então, da estética pura, posto que persegue (inconscientemente e mesmo imoralmente em muitos casos particulares) um objetivo útil de aperfeiçoamento geral. Entretanto, ele tem algo de estético, posto que o cômico nasce no momento preciso em que a sociedade e a pessoa, liberadas da preocupação com sua própria conservação, começam a se tratar mutuamente como obras de arte. Em resumo, se traçarmos um círculo em torno das ações e disposições que comprometem a vida individual ou social e que se castigam a si mesmas devido a suas consequências



naturais, permanece fora dessa área de emoção e de luta, em uma zona neutra onde o homem se dá simplesmente em espetáculo ao homem, certa rigidez do corpo, do espírito e do caráter, que a sociedade gostaria ainda de eliminar para obter de seus membros a maior elasticidade e a mais alta sociabilidade possíveis. Essa rigidez é o cômico e o riso é seu castigo (Bergson, 1938, p. 20-21, tradução nossa).

O riso é uma ferramenta de posicionamento crítico perante certos valores e práticas sociais. Seu objetivo é dar destaque negativo àquilo que destoa socialmente, com os intuitos de excluir e anular os desvios por meio de sua ridicularização. Por isso, é lícito afirmar que o riso é um meio de afirmar certos valores e práticas sociais: com efeito, alguém — ou algo feito por alguém — apenas pode destacar-se como ridículo quando vem a ser encarado na perspectiva de um grupo que assume e compartilha determinados valores e práticas em oposição àqueles manifestados pelo alvo de seu riso.

Vejamos como essas ideias se aplicam à leitura das anedotas que compõem a obra *Assim me contaram*. Em linhas gerais, detectamos as seguintes tendências principais na forma como essas narrativas se articulam em vista da criação de humor:

- crítica de valores e práticas tradicionais, em defesa dos novos tempos⁶;
- crítica de valores e práticas em voga no presente, em defesa da tradição⁷;
- crítica do descompasso entre presente e passado, sem assumir a defesa dos valores e das práticas nem de um nem do outro⁸;
- crítica de valores e práticas ubíquos, sobretudo em termos do que caracteriza a práxis política ao longo dos tempos⁹;
- crítica de situações inusitadas, em geral com a participação de tipos socialmente estigmatizados¹⁰.

A fim de desenvolver nossa hipótese de leitura da obra de Pereira Filho, concentramo-nos apenas nas duas primeiras das cinco categorias propostas, ainda que as outras também possam ilustrar aspectos relevantes de seu trabalho literário, como a franqueza com que trata de questões políticas, apresentando nomes, datas e fatos, sem escamotear os aspectos mais renhidos das disputas eleitorais e dos trâmites partidários na região.

Para começar, vejamos uma dessas histórias “para se escangalhar de rir” — na saborosa expressão com que Dideus Sales (2015) abre seu prefácio —, publicada com o título de “O medo”. Nela, embora o alvo principal da ridicularização seja o inusitado de um homem adulto que tem “medo de alma”, subjaz aí uma crítica a um período de atraso em que o Aracati não tinha iluminação pública durante a noite toda. Na realidade histórica da cidade, tal como representada por Pereira Filho, importantes marcadores temporais da transição entre presente e passado são a chegada da energia elétrica, a construção da Ponte Presidente Juscelino Kubitschek e a instalação da iluminação pública em suas vias principais. Esses marcadores aparecem em várias de suas narrativas autorais e ajudam a situar a posição do autor no enquadramento histórico dado aos atritos entre presente e passado, como ocorre aqui:

Costumava Zé Rangel dar umas voltas noturnas pelas bandas da rua do Calçamento, no caminho do cemitério, onde morava uma das suas comadres. Certa noite, Zé Rangel, que sempre requisitava os serviços de um Jipe de aluguel, esqueceu de avisar ao motorista para apará-lo e teve que voltar a pé pra sua casa, que ficava na Rua Grande.

Naquele tempo, a energia elétrica da cidade era desligada às 10 horas da noite, ficando então a cidade em total escuridão, um verdadeiro breu nas noites sem lua. Caminhar da rua do Calçamento até a rua Grande era amedrontador, principalmente para quem tinha medo de alma, como era o caso do nosso amigo Zé Rangel.



Para vencer o medo e espantar algum mau elemento que por ventura aparecesse no seu caminho, Zé Rangel aplicava uma tática. Acendia um cigarro colocando-o na boca e em seguida acendia mais dois ficando um em cada mão e abrindo bem os braços para dar a impressão de que ali caminhavam três pessoas.

Sobressaltado pela escuridão, Zé Rangel dava um passo para frente e uma olhada para trás, um passo para frente e uma olhada para trás. Foi num desses momentos de assombro e temor que Zé Rangel deu uma trombada num jumento que estava deitado e, alarmado, gritou:

– Boa noite, Seu Gustavo!! (Pereira Filho, 2015, p. 114).

O próprio narrador (que aparece aqui na primeira pessoa do plural, quando se refere a Zé Rangel como “nosso amigo”) reconhece que “caminhar da rua do Calçamento até a rua Grande era amedrontador” (Pereira Filho, 2015, p. 114). Ou seja, ele próprio assume que a falta da iluminação pública ao longo de toda a noite era um elemento que minava a qualidade de vida dos aracatienses nos tempos de antanho, dando a entender que o ridículo da situação vivida por Zé Rangel era responsabilidade do atraso socioeconômico da cidade. Lê-se nas entrelinhas, portanto, um elogio aos trabalhos modernizadores de iluminação noturna das vias públicas.

Esse elogio do progresso, contudo, não vem isento do reconhecimento de tudo aquilo que pode aparecer como charlatanismo e enganação sofisticada nos discursos dos que chegam com o desejo de inovar demais e oferecer soluções mirabolantes para problemas reais ou imaginários. Tal é o caso em “Eu faço...”, quando o Sr. José de Freitas, comerciante tradicional, encontra uma resposta sagaz para um espertalhão que queria lhe vender uma “máquina de fazer dinheiro” (Pereira Filho, 2015, p. 40); ou em “A questão”, quando o Sr. Manuel Porto, proprietário de terras, consegue resistir aos sofismas de um advogado que queria assumir a qualquer preço uma causa fundiária em seu nome (Pereira Filho, 2015, p. 41). A ridicularização de conhecimentos e técnicas pretensamente muito inovadores, mas de resultados contestáveis em comparação com abordagens tradicionais mais amplamente difundidas, aparece também em anedotas como “O técnico” (Pereira Filho, 2015, p. 75) e “O professor” (Pereira Filho, 2015, p. 136).

Em todos esses casos é possível notar a complexidade com que Pereira Filho representa a mudança dos tempos na realidade social, econômica e política do Aracati. Em vez de assumir um discurso simplesmente nostálgico, de louvor às práticas e aos valores do passado, ou inteiramente modernizador, de defesa exclusiva do progresso e seus avanços, ele explora as tensões e os choques entre diferentes temporalidades. Em várias dessas narrativas, chega a ser difícil determinar de que lado do conflito o próprio narrador se coloca, uma vez que apresenta com maestria pontos positivos e negativos de ambas as tendências, enquanto aborda as dificuldades das relações humanas.

Para ilustrar esse ponto, cumpre citar mais um texto delicioso, intitulado “O duelo”. Nele, há o confronto entre uma visão tradicional, segundo a qual a propriedade privada deveria garantir a liberdade de dispor do bem material conforme os desígnios do proprietário, e uma visão inovadora de preservação do patrimônio histórico, segundo a qual propriedades de valor histórico reconhecido precisam ser geridas de acordo com certas diretrizes estabelecidas pelo poder público. Eis o texto completo:

O Iphan tem causado um grande rebuliço em Aracati por causa das suas intervenções em pinturas, reformas e construções que ocorrem de maneira considerada irregular pelo órgão, em prédios públicos e principalmente em residências particulares. Um embate dessa natureza ocasionou um duro e engraçado diálogo acontecido entre uma senhora que pintara sua casa e uma funcionária do Iphan aqui em Aracati.

Ao passar pelo entorno histórico delimitado pelo Iphan, onde nada pode ser feito sem uma prévia autorização, numa vistoria de rotina ocasional, a funcionária do Iphan verificou que havia numa determinada casa uma pintura na fachada que destoava das normas estabelecidas pelo Iphan para aquela área.



Mandou então que se parasse o carro em frente à dita casa para averiguar de quem era a propriedade e naturalmente condenar a pintura ali aplicada. Ao chegar à porta da casa e bater palmas, foi atendida por uma senhora que se apresentou no postigo.

- Diga?
- De quem é esse imóvel?
- Essa casa é minha... Minha propriedade.
- Quem autorizou a senhora a pintar essa fachada dessa cor?
- Ninguém. A casa é minha e pinto do jeito que quero e gosto, sem precisar de ninguém para autorizar.
- Mas a senhora não podia pintar dessa cor sem a autorização do Iphan.
- Quem é a senhora?
- Sou a Perdigão.
- Pois eu sou a Sadia! (Pereira Filho, 2015, p. 151).

O ponto principal da anedota é a presença de espírito da Sra. “Sadia”, que se contrapõe à “Sra. Perdigão” por meio de uma divertida evocação da concorrência entre as famigeradas marcas de alimentos ultraprocessados de mesmos nomes. Contudo, em termos práticos, o conflito entre elas se resolveu em favor das tendências mais recentes de cuidado e preservação do patrimônio histórico (com a provável aplicação de multa contra a “espertinha” proprietária do imóvel). Considerando-se os interesses historiográficos do próprio autor, seria de se esperar que seu narrador também estivesse do lado do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Ainda assim, ele consegue apresentar o distanciamento necessário para enxergar também o outro lado da questão e tentar entender a situação dos proprietários particulares de imóveis tombados como patrimônio histórico. Isso permite que ele encene com certa objetividade o embate entre essas duas posições.

O ARACATI ASSOMBRADO PELA HISTÓRIA

Muda-se o registro literário, mantém-se a mesma preocupação de Pereira Filho com o manuseio responsável da documentação histórica em suas narrativas autorais. Com o livro *Histórias de assombração do Aracati*, temos o ponto mais alto do amadurecimento literário desse memorialista, que se mostra capaz de transitar com engenhosidade entre diferentes domínios da cultura regional aracatiense: por um lado, na leitura das fontes históricas, que ensejam um trabalho primoroso com datas e nomes próprios (topônimos e antropônimos); por outro lado, no recurso às narrativas orais populares, com seus tipos convencionais e sua moralidade tradicional; e, por fim, na recriação ficcional de um universo complexo, apresentado com poucas marcas de subjetividade narrativa¹¹.

Ao contrário do que acontece nas anedotas de *Assim me contaram*, o narrador evita aparecer explicitamente nas 26 narrativas que integram o conjunto das *Histórias de assombração do Aracati*, revelando-se apenas em alusões distanciadas ao passado (“antigamente”, “naquele tempo” etc.) e em referências ao presente (“ainda hoje”, “hoje em dia”, “atualmente” etc.), sempre no jogo entre diferentes temporalidades. Ainda assim, cumpre ter em vista que todos os textos do volume vêm enquadrados por uma “Introdução” (assinada por Antero Pereira Filho), cujo texto integral propõe o seguinte:

Hoje, não se contam mais histórias de assombração. No meu tempo de criança, escutei muitas dessas histórias contadas pelos mais velhos nas rodas das calçadas do Aracati. Como todos nós, meninos daquela época, acreditávamos em alma do outro mundo, aquelas histórias nos pareciam verdadeiras e reais.



Passado o tempo, esqueci-me das histórias de assombração que ouvi na minha infância, talvez porque passei a não acreditar em alma do outro mundo.

Agora que começo a envelhecer, voltei a me lembrar das velhas histórias de assombração, talvez porque tenha voltado a acreditar em alma do outro mundo (Pereira Filho, 2016, p. 11).

Ou seja, por mais que *Histórias de assombração do Aracati* não apresente muitas marcações explícitas do narrador, é preciso subentender certa coincidência entre esse narrador e o autor empírico, Antero Pereira Filho. Isso pode ser entrevisto em alguns posicionamentos e valorações assumidos pelas narrativas. Em termos de visão histórica, há grande coerência entre o que se depreende daí e aquilo que já propusemos anteriormente, com base em nossa leitura de outras obras do autor. Da mesma forma, o jogo entre diferentes temporalidades recebe na formulação supracitada uma espécie de contraparte biográfica, com a infância sendo projetada com seu maravilhamento sobre o passado, enquanto a maturidade se mostra numa visão mais desencantada no presente e a velhice se abre para as possibilidades futuras de uma fabulosa rememoração¹².

A estrutura básica dessas narrativas segue, em geral, um padrão que poderíamos chamar de “crime e castigo”. Após infringir determinado valor ou costume socialmente aceito, a personagem acaba sofrendo uma consequência negativa, seja ela de ordem natural, seja sobrenatural. Trata-se, portanto, de uma estruturação bastante simples. Apesar dessa simplicidade, alguns elementos do enredo são projetados na história social, política e econômica do Aracati, adquirindo grande significação simbólica.

Na narrativa que abre a coletânea, por exemplo, intitulada “O baile de carnaval”, acompanhamos a história de Anahí, filha única de uma família abastada que, após receber uma falsa proposta de casamento, acaba tendo relações sexuais com um marinheiro. Abandonada na sequência, a jovem enlouquece de desgosto e comete um crime de vingança, assassinando outro marinheiro que passava por ali e lhe lembrava seu antigo amor. Sua primeira punição é o encarceramento, mas, depois da morte na prisão, ela continua sofrendo como uma alma penada, assombrando a antiga Casa da Câmara (onde também funcionava a cadeia). A narrativa encerra-se com o relato de Baldomero, filho de uma rica família aracatiense, com carreira na marinha mercante brasileira, e que se apaixona em um baile de carnaval por uma mulher morena misteriosa. A revelação final é que, apesar de Baldomero viver muito tempo após a morte de Anahí, tudo indica que ele tenha encontrado e se apaixonado por seu fantasma.

O enredo é simples, e a narração desenrola-se de forma direta. Apesar disso, cumpre notar de que forma o destino trágico de Anahí é projetado sobre a tragédia histórica do próprio Aracati. Após um período de esplendor, por causa da posição comercial estratégica da cidade (entre Pernambuco e as rotas para o norte) e da boa navegabilidade do Rio Jaguaribe, desponta a inevitabilidade de sua ruína, atrelada ao declínio da economia açucareira e ao assoreamento do rio:

A promessa de um casamento, depois de um rápido namoro, era o sonho maior de qualquer moça daquela época, que sonhava sair do Aracati — já então decadente economicamente — conhecer outros lugares, viver uma vida feliz e prazerosa ao lado do marido...

Ingênua, Anahí acreditou que seu sonho logo se tornaria realidade. Não imaginava que o apito da partida do vapor saindo do porto seria o som da despedida para sempre. Imaginava que aquele apito longo e estridente fosse o silvo breve do retorno de Donato, como ele mesmo havia prometido: “No retorno do vapor para o sul vou levá-la comigo”.

Nunca houve retorno... (Pereira Filho, 2016, p. 14).

Para o esplendor aracatiense, também nunca houve retorno. Iludido por essa promessa de uma aliança feliz e prazerosa com Pernambuco e outras regiões do passado colonial, o Aracati do século



XIX teria se convertido numa espécie de alma penada, apesar de eventuais tentativas de se rebelar contra esse fado. Na forma como Pereira Filho narra a tragédia pessoal de Anahí, encontramos a visão que o memorialista apresenta de uma cidade presa à memória de um passado glorioso, mas incapaz de se reerguer no presente para enfrentar as causas profundas de seu próprio declínio.

Essa concepção coincide com vários dos relatos que o autor colige no livro já citado *Aracati era assim*, sendo dignos de destaque o trecho final do que afirma Liberato de Castro Ferreira (p. 38) ou diferentes passagens da autoria de Edmar Morel, Francisco Freire Alemão e Henrique Théberge (p. 50, p. 54-55 e p. 71-74). Chama atenção especial a formulação de Guilherme Studart, presente num estudo publicado em 1891 sobre o que representou a Vila do Aracati no século XVIII (à luz de seu posterior declínio econômico e social):

Compare-se o Aracati daqueles tempos com o Aracati de hoje e impossível será deixar de reconhecer e lamentar o imenso regresso, o quase aniquilamento dessa importante cidade.

Não mais existem ali aqueles ricos mercadores, que ainda há 40 e 30 anos faziam a inveja até dos filhos da Fortaleza; a vida comercial com a da sociedade, fugiu daqueles lugares, cuja população, longe de progredir ou mesmo ficar estacionária, decresce a olhos vistos porque os habitantes desertam e preferem levar a outras paragens o contingente de seu patriotismo, os estímulos de sua inteligência e amor ao trabalho; as propriedades se vão desmoronando e edifícios, que a pouco eram cotados em contos de réis, são dados hoje gratuitamente por morada àqueles que querem incumbir-se de os proteger contra a destruição das estações e a invasão dos animais daninhos.

Por toda a parte o desânimo, a cada canto a inércia.

E o Aracati já mereceu que quisessem fazer dele nossa capital! (Studart, 2024 *apud* Pereira Filho, 2024, p. 66).

Sem entrar aqui nos meandros da análise socioeconômica que Studart (2024) propõe para tentar explicar as causas desse declínio, importa notar a coincidência do quadro histórico que Pereira Filho projeta sobre a história da cidade por meio da narrativa trágica da vida de Anahí. Não é à toa, portanto, que uma narrativa com esse enredo seja escolhida para abrir a coletânea e anunciar o programa de *Histórias de assombração do Aracati*. Afinal, expediente análogo será adotado por ele em muitas outras narrativas do volume, recorrendo às lendas e narrativas populares para tratar de outros aspectos trágicos que assombam a história aracatiense, incluindo temas como:

- desigualdades sociais (“O rosário do Mirinho”, “As lavadeiras das Pedrinhas”, “O cortejo” e “Mestre Romeiro”);
- escravidão (“O Sobrado das Corujas” e “A morte da escrava”);
- sexismo e violência sexual (“O passeio da moça loura” e “A moça do castelo”);
- extrativismo e acúmulo de riqueza (“A botija da Cruz das Almas”);
- alcoolismo (“O lobisomem da Várzea da Matriz”);
- seca, fome e miséria (“O choro do bebê”).

Há narrativas que não se encaixam perfeitamente no esquema dúplice delineado, seja porque apresentam uma estrutura básica diferente do esquema “crime e castigo”, seja porque os elementos principais de seu enredo não sugerem uma projeção imediata sobre aspectos relevantes da história aracatiense. Nesses casos, pode preponderar um elemento sentimental, enfeixado em dados mais ou menos históricos (como em “O perfume do sonho” e “O Beco do Barão”) ou aspectos sobrenaturais relacionados a atos violentos não inteiramente esclarecidos (“O rosto do baú”, “A botija da Lagoa Nova”, “Assombração”, “Sufraia”, “O castigo da oração”, “Velho Cabeleira”, e “Oração do Soldado 33”). Todas as narrativas do livro, contudo, podem ser lidas conforme as tensões entre o



presente e o passado, numa crítica subentendida pelo narrador aos efeitos deletérios das mazelas socioeconômicas sobre existências precarizadas.

No conjunto das 26 narrativas que compõem *Histórias de assombração do Aracati*, nota-se sempre a mesma preocupação de Pereira Filho com a acurácia histórica, ainda que aqui o memorialista opte por se valer da liberdade de jogar com as potencialidades da ficção. Manipulando as datas e os nomes próprios envolvidos em eventos históricos aracatienses, ele dá forma a enredos cujos elementos fantásticos despertam um encantamento graças àquilo que instigam a pensar sobre passado, presente e futuro de quem experimenta as particularidades de uma vida nessa cidade — aparentemente pacata, mas no fundo assombrada pela própria história —, em sua situação geopolítica no litoral leste cearense.

À GUIA DE CONCLUSÃO, UMA PONTE

Acreditamos que esteja suficientemente demonstrada a complexidade do conjunto da obra de Antero Pereira Filho. Fundamentando-se em robusta pesquisa histórica sobre o Aracati e seus entornos, o autor escreve trabalhos que transitam pela historiografia propriamente dita, mas também pela memória e pela ficção. Como digno artista que sabe se posicionar de forma crítica diante dos problemas da realidade social, ele escava a história para revelar as raízes profundas dos conflitos e tensões do presente. Ainda que sua obra eventualmente se ressinta das contradições de um pensamento exposto às vicissitudes do tempo, Pereira Filho tem contribuições de vulto para a literatura cearense e brasileira, oferecendo soluções pertinentes para problemas graves que atormentam todo intelectual disposto a levar em conta os obstáculos de um contexto social, político e econômico como o nosso¹³.

Antes de encerrar, gostaríamos de não deixar passar a oportunidade para salientar um elemento presente na obra de Pereira Filho e apenas ligeiramente sugerido até aqui. Trata-se da centralidade que esse autor confere à Ponte Presidente Juscelino Kubitschek, construída em 1959 sobre o Rio Jaguaribe para facilitar o acesso rodoviário entre Aracati e o restante do Ceará (sobretudo, Fortaleza). Como já mencionado, ele dedica uma monografia ao tema em 2009, enfeitando fotografias, datas e nomes de pessoas numa narrativa que tenta esclarecer o difícil processo de construção dessa obra arquitetônica, aproveitando para esclarecer sua importância no enfrentamento à posição isolada da cidade desde o início do século XIX (provocada pelo assoreamento do Rio Jaguaribe e pela consequente incapacitação de seu porto para um tráfego intenso)¹⁴.

No âmbito da visão histórica que Pereira Filho apresenta ao longo de toda a sua obra, a Ponte Presidente Juscelino Kubitschek exerce uma função de divisor de águas, demarcando um tempo pretérito de atraso e isolamento, por oposição às promessas de uma época aberta às possibilidades do futuro. Isso fica evidente não apenas em sua monografia dedicada ao tema, mas também em suas obras memorialísticas. A título de exemplo, poderíamos levar em conta uma das *Histórias de assombração do Aracati* em que a ponte (ou sua falta) desempenha papel destacado no enredo, como quando uma aparição fantasmagórica se manifesta na ponte, em “O garupeiro” (Pereira Filho, 2016, p. 104), ou quando a ausência da ponte obriga os viajantes a fazer perigosa travessia marítima entre Aracati e Fortim, levando a um acidente fatal, em “O clarinete da orquestra” (Pereira Filho, 2016, p. 18). Outra história particularmente representativa disso — apta a ilustrar em seu enigma muito do que temos apontado acerca de uma poética do autor aracatiense — é também “No tempo dos pontões” (Pereira Filho, 2016, p. 25)¹⁵.

Muda-se o registro literário, mantém-se a pertinência de se considerar o problema resolvido pela construção da ponte. Que se leve em conta a seguinte anedota do livro *Assim me contaram*, intitulada “O exame...”:

O grande advogado cearense, Dr. Heribaldo Costa, residiu durante algum tempo em Aracati, quando era ainda acadêmico de Direito.



Um dia, indo viajar para Fortaleza, encontrou-se no pontão do porto José Alves com o então jovem Armando Praça, que ia ao trabalho na sua loja do outro lado do rio.

Ao ver o Dr. Heribaldo Costa, que estava com uns furúnculos pelo pescoço, Armando Praça indagou:

- Vai viajar para a capital, doutor?
- Vou. Fazer exame.
- De sífilis?
- Não. Na Faculdade de Direito (Pereira Filho, 2015, p. 43).

O humor é criado com base na duplicidade com que a palavra “exame” aparece nesse diálogo, sendo empregada por Heribaldo Costa com o sentido de “exame universitário”, embora seja erroneamente recebida por Armando Praça como se aludisse a um “exame médico”. O erro de interpretação (que deve ter feito corar de vergonha o interlocutor curioso e que faz toda a graça da anedota) é provocado pelo fato de que um elemento físico (“os furúnculos pelo pescoço”) tenha influenciado na construção do pensamento abstrato, levando à (in)compreensão do sentido de uma palavra central para o diálogo.

Se a situação toda parece não suscitar considerações mais profundas do que as exigidas para se explicar um chiste espirituoso, interessa-nos levar em conta certos subentendidos: o encontro das duas personagens ocorre no porto José Alves, de onde elas pegariam um pontão para atravessar o Rio Jaguaribe. Armando Praça supõe que o motivo para que Heriberto Costa deixe a cidade seja uma questão médica, quando se trata de uma questão educacional. Em ambas as alternativas, a motivação para a viagem é da ordem de uma carência na infraestrutura de serviços básicos. O que está pressuposto, portanto, é que o Aracati desse tempo – um tempo de antes da construção da ponte – não tem nem hospital nem universidade. É essa carência que faz com que um mal-entendido dessa natureza seja possível. Quando Pereira Filho publica essa anedota, muitas décadas mais tarde, esse tempo do atraso já aparece como inteiramente superado: não apenas porque o Aracati já tem sua ponte sobre o Rio Jaguaribe, mas porque também possui hospitais e universidades que tornariam desnecessária uma viagem com fins médicos ou educacionais.

Por tudo o que fica aqui registrado, o nome de Antero Pereira Filho destaca-se no panorama literário cearense graças a seu excelente trabalho entre história, memória e ficção. Em vista de suas importantes contribuições para a prática historiográfica e literária em âmbito regional, esperamos que o presente estudo colabore para que sua obra encontre o reconhecimento devido no âmbito da literatura brasileira contemporânea.

Notas

¹ Este trabalho encontra-se na interseção do projeto de pesquisa *Entre o clássico e o regional: tensões na historiografia da literatura brasileira* com o projeto de extensão *O Aracati Literário*, ambos registrados na Universidade Estadual do Ceará.

² Exemplar disso é o anátema com que o público leitor aracatiense encara a obra ficcional de José Armando da Costa, com suas estratégias (julgadas irresponsáveis) de misturar nomes próprios de personalidades e eventos históricos com fabulações altamente inventivas, beirando o escabroso, em obras como *As polainas de pé de cobra* (2014a) e *O naufrágio de Santa Cruz* (2014b). Um estudo específico ainda precisa ser realizado sobre essa produção, à luz do panorama literário brasileiro na contemporaneidade.

³ Digno de nota é o uso do dêitico “assim” em dois títulos importantes do autor. Interpretamos a presença desse recurso como uma estratégia de convencimento do público acerca da veracidade das informações, que estariam sendo apresentadas de forma imediata, como registros passíveis de servir como fonte direta para o conhecimento da história aracatiense.

⁴ Ainda que a obra só tenha sido publicada em 2024, as palavras desse prefácio vêm datadas de “outubro de 2005”. Isso demonstra que o trabalho de reunião desse material ficou amadurecendo por quase duas décadas, enquanto a seleção de trechos aumentava para tornar-se cada vez mais diversificada e representativa.



⁵ Apresentando a ideia de que todo progresso se faz acompanhar não apenas por melhorias objetivas na qualidade da vida humana, mas também por consequências deletérias igualmente objetivas (ainda que raramente reconhecidas assim pelos arautos do progresso), esses autores escrevem: “No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 19).

⁶ Exemplos incluem (seguindo a paginação da segunda edição da obra, publicada em 2015): “Água” (p. 12), “A ata” (p. 16), “Carimbamba...” (p. 20), “O exame...” (p. 43), “Poliglota” (p. 44), “O delegado” (p. 71), “O medo” (p. 114) etc.

⁷ Exemplos: “Eu faço...” (p. 40), “A questão” (p. 41), “O técnico” (p. 75), “CD pirata” (p. 126), “O professor” (p. 136) etc.

⁸ Os exemplos das duas categorias anteriores, a depender da interpretação que se dê ao conflito em questão, poderiam ser entendidos como ilustração também desse descompasso entre presente e passado, mas as narrativas que parecem mais evitar se posicionar perante o conflito são aquelas que terminam em *nonsense*, como acontece em “O discurso” (p. 45), “A fotografia” (p. 140) e “O duelo” (p. 151).

⁹ Trata-se da categoria mais volumosa, com exemplos que incluem: “O venal” (p. 18), “Chafariz de água salgada” (p. 26), “Aleijado” (p. 46), “Mais dois anos de seca” (p. 47), “Da prefeitura” (p. 49), “Jardim” (p. 51), “No gabinete” (p. 53), “Pompeu ou seu, você decide!” (p. 64), “Gasto até do meu” (p. 69), “O defunto” (p. 80), “Situação × Oposição” (p. 81), “Opção” (p. 91), “A certeza” (p. 94), “O negócio” (p. 106), “O Opala” (p. 107) etc.

¹⁰ Em algumas dessas narrativas, o alvo da ridicularização é uma forma de expressão popular, ingênua e simplória, como em: “Naquela hora” (p. 25), “Estercado” (p. 58), “Penteím” (p. 63), “Garrafa de coca” (p. 77), “Cinismo” (p. 78) etc., contudo há também aquelas em que emergem formas de violência perpetradas por uma ridicularização que inclui aspectos raciais, de classe e de gênero (“A panelada”, p. 59; “A mangueira”, p. 14; “Castigo”, p. 182).

¹¹ Essa complexidade aparece reconhecida tanto nas palavras prefaciais de Marciano Ponciano (2016a, 2016b) quanto na crônica que Lucio Telmo Meireles (2016) compôs por ocasião do lançamento da segunda edição da obra.

¹² Paralelamente, seria possível propor que as ideias apresentadas nessa “Introdução” ecoam as formulações de Cérbero e Sócrates no início de *A República*, de Platão, quando uma preocupação com a proximidade da morte dirige o diálogo para as questões últimas da existência humana. Esses ecos intertextuais projetam algumas dessas *Histórias de assombração do Aracati*, apesar de seu enredo aparentemente simples, num plano filosófico dedicado a lidar com questões complexas de vida e morte, justiça e castigo, verdade e mentira.

¹³ Alinhamo-nos aqui à forma como Jaime Ginzburg (2017) enuncia os dilemas do intelectual brasileiro, quando apresenta o seguinte quadro: “Somos um país em que o autoritarismo é fortemente constitutivo das bases da formação nacional. Naturalizamos por essa razão tudo o que deveria nos deixar perplexos — violência excessiva por parte do Estado, enorme desigualdade social, ausência de prerrogativas éticas nas condições de convivência social, permanente estado de expectativa incerta quanto ao futuro, ausência de condições de escolarização compatíveis com as necessidades sociais e com as exigências para a formação de consciência crítica coletiva. Naturalizamos, muitas vezes sem perceber com clareza, várias formas, algumas amenas e outras trágicas, de barbárie” (Ginzburg, 2017, p. 192). Na sequência, o autor especifica ainda o seguinte: “Somos uma sociedade em que ler nunca foi condição de possibilidade para a maioria da população e em que, cada vez mais, cresce o desprestígio da leitura, atendendo interesses políticos conservadores” (Ginzburg, 2017, p. 194).

¹⁴ O incansável Marciano Ponciano é quem, mais uma vez, edita e apresenta essa obra. No parágrafo inicial de sua apresentação, afirma o seguinte: “No dia 27 de julho de 1959 a ponte Presidente Juscelino Kubitschek era inaugurada e instaurava em Aracati um novo tempo. O isolamento pelo qual a cidade havia sido submetida, pois o seu porto de antanho já não operava como em tempos de prosperidade econômica, tinha a partir daquele feito chegado ao fim” (Ponciano, 2009, p. 3).

¹⁵ Para permitir que o público tenha acesso facilitado a esse material e possa tirar suas próprias conclusões, disponibilizamos esse texto emblemático como anexo da presente publicação (Anexo 1).



Referências

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max (1985). *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BERGSON, Henri (1938). *Le rire*. Essai sur la signification du comique. Paris: Félix Alcan.
- COSTA, José Armando da (2014a). *As polainas de pé de cobra*. Fortaleza: Premius.
- COSTA, José Armando da (2014b). *O naufrágio de Santa Cruz*. Fortaleza: Tipoprogresso.
- COSTA LIMA, Abelardo (1941). *Terra aracatiense*. Fortaleza: Ramos & Pouchain.
- FERNANDES, Leônidas Cavalcante (2009). *Retalhos da história*. Fortaleza: ABC.
- GINZBURG, Jaime (2017). Literatura brasileira após Auschwitz. In: GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp. p. 187-196.
- MATOS, Socorro (2018). *Memórias do vento*: histórias que vi, vivi e ouvi. Fortaleza: Mangues & Letras.
- MEIRELES, Lucio Telmo (2016). Assombrações contam a história do Aracati. *Gente de Ação*, ano XV, n. 145, p. 27.
- PEREIRA FILHO, Antero (2009). *Ponte Presidente Juscelino Kubitschek*. Fortaleza: Expressão Gráfica.
- PEREIRA FILHO, Antero (2010). *A maçonaria em Aracati 1920–1949*. Fortaleza: Expressão Gráfica.
- PEREIRA FILHO, Antero (2015). *Assim me contaram*. 2. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica.
- PEREIRA FILHO, Antero (2016). *Histórias de assombração do Aracati*. 2. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica.
- PEREIRA FILHO, Antero (org.) (2024). *Aracati era assim*. Fortaleza: R. Esteves Tipoprogresso.
- PONCIANO, Marciano (2009). Apresentação. In: PEREIRA FILHO, Antero. *Ponte Presidente Juscelino Kubitschek*. Fortaleza: Expressão Gráfica. p. 3.
- PONCIANO, Marciano (2016a). Prefácio. In: PEREIRA FILHO, Antero. *Histórias de assombração do Aracati*. 2. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica. p. 5-6.
- PONCIANO, Marciano (2016b). Prefácio da segunda edição. In: PEREIRA FILHO, Antero. *Histórias de assombração do Aracati*. 2. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica. p. 7-8.
- PONCIANO, Marciano (2024). Apresentação. Aracati era assim: uma antologia de textos históricos. In: PEREIRA FILHO, Antero (org.). *Aracati era assim*. Fortaleza: R. Esteves Tipoprogresso. p. 7-8.
- SALES, Dideus (2015). Prefácio. In: PEREIRA FILHO, Antero. *Assim me contaram*. 2. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica. p. 10-11.
- SENA FILHO, Luís de (2014). *Registro das histórias de um agricultor*: memórias. Fortaleza: RDS.
- STUDART, Guilherme (2024). Notas para a história do Ceará. In: PEREIRA FILHO, Antero (org.). *Aracati era assim...* Fortaleza: R. Esteves Tipoprogresso. p. 65-69.



Anexo 1. “No tempo dos pontões” (Pereira Filho, 2016, p. 25-27).

Quando não havia a ponte sobre o rio Jaguaribe, o transporte que atravessava as pessoas, os carros e as mercadorias de um lado para o outro do rio eram os pontões.

Pontões eram embarcações manobradas por quatro homens no período das grandes enchentes, quando o rio Jaguaribe ficava correndo para o mar com muita força e velocidade. Nos tempos normais, dois homens com longas varas dominavam e conduziam essas embarcações, tipo chatas feitas de madeira, de um lado ao outro do rio.

Seu ponto de atracar era o porto José Alves, para onde as pessoas se dirigiam quando queriam atravessar o rio. Os pontões obedeciam a um horário de funcionamento. Começavam o trabalho por volta das quatro horas da manhã e findavam sempre no final da tarde.

Um viajante, que vinha de Fortaleza para Aracati, pela antiga estrada que ligava Aracati à cidade de Cascavel, atrasou-se na viagem, chegando ao porto José Alves no lado ocidental do rio Jaguaribe já altas horas da noite adentro, quase madrugada... Sabia esse viajante, que àquela hora da noite não teria mais condição de chegar ao Aracati; por isso, já tinha se conformado em passar o resto da noite na beira do rio e, ao amanhecer, pegar o pontão para chegar ao Aracati...

Estava tentando se acomodar numa pequena palhoça existente no local que servia de abrigo às pessoas que por ali transitavam, quando ouviu vozes e um barulho vindo do rio. Apurando mais um pouco a vista na escuridão, divisou no meio do rio um pontão que se dirigia ao seu encontro.

– Quem vem lá?

Não houve nenhuma resposta. Porém cada vez mais o pontão se aproximava da margem do rio.

– Quem vem lá? Gritou mais uma vez.

A resposta foi o barulho do pontão encalhando no ponto de embarque.

– O viajante vai para o Aracati? Perguntou o proeiro segurando a longa vara que impulsionava o pontão através do rio.

– Vou. Não tinha mais esperança de chegar lá essa noite numa hora dessa!!!

– Embarque...

– Não imaginei que fosse encontrar o pontão funcionando tão tarde da noite, puxou conversa o viajante.

– Nem sempre isso acontece. Hoje é uma noite especial. A noite mais escura do ano. Todo ano, nessa noite, nós saímos para ajudar os naufragados e socorrer os que aqui morreram afogados sem ninguém para socorrê-los nos seus pedidos desesperados e angustiados...

– Já morreram muitas pessoas aqui nesse rio?

– Muitas. Crianças, moças e rapazes, homens e velhos.

– Você não está escutando suas vozes? Suas lamúrias? Não está vendo seus rostos de aflição?

– Não.

– Olhe para a água, para o fundo do rio.

– Não. Não escuto nem vejo nada. Me parece tudo muito silencioso. Nem o barulho da vara na água dá para perceber!

Foram então se aproximando da margem oriental do rio onde o viajante desembarcaria e findaria sua viagem de travessia. Ao retirar do pontão a mala que conduzia e colocar na margem do rio fora do alcance da água, o viajante se afastou um pouco para retirar o dinheiro da carteira para pagar o serviço da travessia. Quando se vira com o dinheiro na mão para efetuar o pagamento não viu mais nada. Nem pontão, nem barqueiro, nem homem nenhum. Isso tudo de repente, num instante, tinha sumido. Deixado de existir.

O viajante em desabalada carreira abandonou o local de desembarque correndo sem parar na escuridão das ruas descalças do Aracati, até o hotel Central na rua Grande onde sempre se hospedava. Apavorado acordou o dono do hotel e contou sua história. Alguns hóspedes acordaram com o alvoroço do viajante e quiseram ir até o porto José Alves. Porém, o viajante disse que não voltaria nunca mais àquele lugar, principalmente naquela noite.

Na manhã seguinte, bem cedinho, sua mala foi encontrada na margem do rio tal qual havia deixado na noite anterior... Na noite mais escura do ano da cidade do Aracati...